



**A CONCEPÇÃO DE LUGAR PARA O MACUXI SOB A  
PERSPECTIVA DA OBRA QUEDA DO CÉU**  
*LA CONCEPCIÓN DEL LUGAR PARA MACUXI DESDE LA  
PERSPECTIVA DE LA OBRA CAÍDA DEL CIELO*

Fredson Antônio Souza da Silva <sup>1</sup>

**RESUMO**

Este trabalho aborda a concepção de Lugar sob a perspectiva do povo Macuxi e através da contribuição do povo Yanomami via obra *A queda do céu: palavras de uma xamã yanomami* que relata a condição de existência do povo yanomami, bem como a vida pessoal de Davi Kopenawa que é um dos principais representantes deste povo. Entendemos que a Geografia e a Literatura têm uma relação intrínseca que proporcionam um entendimento do contexto, do espaço, do lugar onde vivemos, por isso utilizamos a Geografia Cultural para contextualizar e justificar a pesquisa, desta forma trabalhamos os conceitos através de autores como Yi-Fu Tuan (2013, 1980), Corrêa e Rosendahl (1998), Venerotti e Ottati (2013), além de Ailton Krenak (2020). Foi realizado uma visita a Terra Indígena Raposa Serra do Sol e registrado conversas informais que proporcionaram sistematizar esta pesquisa. Como resultado, podemos identificar semelhanças de narrativas e discursos que proporcionam a estrutura do conceito de Lugar sob à luz tanto dos povos indígenas trabalhados quanto da Geografia.

**Palavras-chave:** Macuxi, Lugar, Geografia e Literatura.

**RESUMEN**

Este trabajo trata la concepción de lugar desde la perspectiva del pueblo Macuxi y a través del aporte del pueblo Yanomami por medio de la obra *La caída del cielo: palabras de un chamán yanomami (A queda do céu: palavras de uma xamã yanomami)* que relata la condición de existencia del pueblo yanomami, así como la vida personal de Davi Kopenawa quien es uno de los principales representantes de este pueblo. Entendemos que la Geografía y la Literatura tienen una relación intrínseca que brindan una comprensión del contexto, del espacio y lugar donde vivimos, por eso usamos la Geografía Cultural para contextualizar y justificar la investigación, de este modo trabajamos los conceptos a través de autores como Yi- Fu Tuan (2013, 1980), Corrêa y Rosendahl (1998), Venerotti y Ottati (2013), además de Ailton Krenak (2020). Se realizó una visita a la Tierra Indígena Raposa Serra del Sol y se grabaron conversaciones informales que permitieron sistematizar esta investigación. Como resultado, podemos identificar similitudes en las narrativas y los discursos que brindan la estructura del

---

<sup>1</sup> Professor da rede estadual de ensino (SEDUC-RO), Mestrando em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR-RO, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vida e Culturas Amazônicas (GEP CULTURA-UNIR), [fassilva1996@gmail.com](mailto:fassilva1996@gmail.com).



conceito de Lugar a la luz tanto de los pueblos indígenas estudiados como también de la Geografía en uso.

**Palabras clave:** Macuxi, Lugar, Geografía y Literatura.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma viagem à Terra Indígena Raposa Serra do Sol, localizada no extremo setentrional de Roraima, na fronteira com o país Guayana Inglesa, no período de 10 a 20 de janeiro de 2020, onde foi possível dialogar com membros do povo indígena Macuxi sobre o conceito de lugar. Esta pesquisa apresenta uma discussão sob a perspectiva da literatura, para isso usamos narrativas contidas na obra “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami” como meio para compreender e analisar geo literariamente as discussões sobre lugar com a etnia Macuxi. A obra Queda do céu: palavras de um xamã yanomami é uma rica narrativa indígena sobre cosmogonia, lutas contra garimpeiros, invasores de terras e da vida pessoal de Davi Kopenawa, um líder Yanômami que luta atualmente pelo direito às suas terras.

Este trabalho é necessário, visto que eventos como novas invasões ocorridas nesta reserva indígena é intensa segundo dados do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) de 2021 e entende-se que dialogar com o povo Macuxi contribuirá para a compreensão dos eventos citados para assim não normatizar tais ações, que é proibido por lei federal. Por outro lado, este diálogo com o povo Macuxi proporciona elementos para contribuições nos debates de compreensão de lugares sob a ótica do povo indígena, além de buscarmos estreitar as discussões sobre geografia e literatura.

A partir desses pressupostos a pesquisa tem como objetivo analisar o conceito de lugar sob a perspectiva geo literária indígena. Além disso, objetiva-se: analisar a relação entre geografia e literatura; anotar e descrever as concepções de lugar para o povo Macuxi; Contribuir para novas concepções de lugar na geografia.

## METODOLOGIA

Para a confecção deste trabalho foi necessário realizar uma viagem e a leitura e interpretação da obra “A queda do céu: palavras de um xamã Yanomâmi”. A viagem



ocorreu nos dias 10 a 20 de janeiro de 2020. O destino: Comunidade Central, na região das serras, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, no município de de Uiramutã. A origem: Alto Alegre, ambos municípios no Estado de Roraima. Inicialmente a viagem tinha um caráter pessoal, sem pretensões acadêmicas, no entanto, esse objetivo mudou quando foi pensado que esta viagem seria uma oportunidade para (re)ver como o povo Macuxi pensa a sua região. A viagem, saindo de Boa Vista (capital roraimense) em direção a Comunidade Central (Uiramutã-Roraima) durou cerca de 13 horas. O transporte utilizado foi o ônibus. Este trabalho originou-se exatamente durante o trajeto de Boa Vista a Comunidade Central, pois, foi durante a longa viagem que as conversas foram sendo feitas e as observações foram anotadas. Havia no ônibus tanto indígenas quanto não indígenas. A conversa foram feitas com ambos, mas para este trabalho se deu preferência para o diálogo com os Macuxi. A história narrada por eles foi estruturada de acordo com os interesses deste trabalho. Portanto, a narrativa oral é de fundamental importância para o presente artigo. Da narrativa colhida, da-se preferência para questões abrangentes ao tema Lugar. As pessoas que narraram suas histórias são moradores das comunidades Morro, Central e Warabadá.

Além da viagem, o livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*<sup>2</sup> foi trabalhado para confirmar ou reforçar a narrativa dos Macuxi sobre Lugar. O livro é extenso, contendo 734 páginas entre prefácio, anexos e o conteúdo em si da obra. O livro é dividido em 4 partes principais: 1 – Devir Outro; 2 – A fumaça do metal; 3 – A queda do céu e 4 – Palavras de Omama. Para este trabalho usou-se apenas a parte 1 do livro, o Devir outro. Foi feita a leitura, resenha e fichamento deste capítulo. Analisa-se este capítulo onde foi possível extrair conteúdos referentes ao tema deste trabalho.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho tem inspirações literárias, desta maneira procura-se a Geografia Cultural para poder corresponder as pretensões desta pesquisa. A Geografia Cultural tem tratado com mais atenção os estudos literários para compreensões de temas

---

<sup>2</sup> Kopenawa, Albert; Bruce, Davi. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1<sup>a</sup>ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.



da geografia a partir dos anos 1970 (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998). Mais especificamente sobre a relação geografia e literatura podemos observar que:

“Análises geográficas de textos literários se iniciam no século XIX, avançam pelo século XX, mas é, principalmente, nas últimas duas décadas que se proliferam mais abundantemente. No Brasil, as análises se avolumam somente na última década. Assim, propomos analisar os enfoques e as abordagens dos debates realizados, sobretudo por geógrafos, no estabelecimento da relação entre Geografia e Literatura, no Brasil, principalmente nos últimos dez anos. Tomaremos como referência os eventos nacionais, bem como publicações, além de dissertações e teses defendidas. Da primazia do uso literário como fonte de informação para a compreensão da paisagem, a Geografia se apropriou da Literatura em enfoques e abordagens dos mais diversos. Assim, a riqueza da relação estabelecida entre Geografia e Literatura se traduz em uma multiplicidade de temas, além de apropriações das mais inusitadas do universo literário pela Geografia; ainda que haja tanto a construir.” (SUZUKI, 2017, p. 129)

Como visto, a relação entre geografia e literatura não é recente, mas ainda assim teve resistência dentro da geografia para receber este tipo de abordagem, que até então era julgado inválido simplesmente porque não seguia os pressupostos positivistas, como destacam Corrêa; Rosendahl (1998). Contemporaneamente há pesquisas geográficas com bases em literaturas, cinema, música. Para Suzuki (2017), esta é uma tendência a se aprofundar ou ao menos abrir um horizonte porque se trata de um meio para atingirmos a compreensão mais humana possível, ou seja, toca no ser, na essência humana que vem da consciência. Onde mais podemos compreender o ser humano e seu meio ambiente se não através dos seus sentimentos.

Monbeig (1940) fala que o estudo do lugar sob a perspectiva da literatura parte do pressuposto de que nas linhas das obras estão os sentimentos, as visões, os pensamentos e a imaginação do ser humano. Ainda para este autor, os sentimentos, o imaginário são as características que estão mais aprofundados na relação entre o ser humano e o seu meio. A geografia em algum momento abraçaria essa interpretação, causando uma nova forma de perceber o outro, através dos subjetivismos, segundo (MONTEIRO, 2002).

Para Venerotti; Ottati (2013), a literatura aborda de forma subjetiva os personagens, facilitando assim a compreensão sobre o lugar, sobre o espaço, sobre o território. Essas subjetividades devem ser levadas em conta uma vez que fazem parte do ser humano. Essa característica ficará marcada nos estudos de Tuan (2013) onde



apresenta como ponto de partida a experiência humana para se assegurar de sua existência e assim proporcionar um sentimento de pertencimento a um determinado lugar. Este autor nos apresenta também a *Topofilia* onde aborda a ligação subjetiva do ser humano com o espaço, lugar, conseqüentemente.

Ailton Krenak (2020) nos presenteia com outra visão de estar e pertencer ao mundo que não deve ser ignorada. Ele vai falar que a ligação do ser humano, principalmente o povo indígena com a natureza é o motivo que nos mantém vivos e ligados à sua terra natal, em sua *Amanhã não está à venda* ele demonstra em suas falas condicionadas e construídas a partir de vivências ao longo de sua vida.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do livro *A queda do céu*<sup>3</sup>, em especial a parte *Devir outro* nos revela tantas riquezas de detalhes sobre a vida do povo Yanômami, o seu modo de viver, que aqui inspira os detalhes, as visões, a forma de ver o espaço, a sua morada que é peculiar, em se falando de cultura, modo de vida.

O paralelo entre as narrativas yanômami através de Davi Kopenawa e as narrativas feitas pelos viajantes do Morro, Central e Warabadá se parecem em muitas ocasiões. Explana-se primeiramente a análise do capítulo *Devir outro* e depois a análise das falas dos viajantes Macuxi.

Na primeira parte do livro, intitulado *Devir outro*, os autores buscam narrar o surgimento, a origem do Davi Kopenawa bem como os primeiros contatos do Yanomami com o que viria a ser sua terra atual, ao norte do Brasil. Além de narrarem alguns aspectos dos seus costumes tradicionais, onde relatam de onde vieram, de como usufruem do seu cotidiano, de suas relações com os seus semelhantes.

Inicialmente, temos Davi Kopenawa comentando suas primeiras impressões de termos impostos a eles sobre suas vidas e denominações. A exemplo disso, temos como exemplo maior o nome do próprio Davi Kopenawa, que segundo o livro foi aceito por Davi depois de vários anos resistindo ao seu nome não indígena. Seguindo a lógica de imposições temos questionamentos do autor-narrador como “Por que os não indígenas querem nos fazer pensar igual eles?”, “Por que consideram o nosso modo de viver um

---

<sup>3</sup> Quando dúvidas nos termos no idioma Yanômami consultar o livro *A queda do Céu*: palavras de um xamã yanomami.



entreve?”, “O que realmente querem em nossas terras?”. Tais questionamentos requerem reflexões por parte tanto do leitor quanto do autor-narrador. Voltemos a atenção para o fato de estarmos trabalhando o tema Lugar. Neste ponto, tanto o Kopenawa quanto o leitor se depara com as respostas do que seja a sua origem. Coloque-se neste panorama o fato de estarmos tratando de origens cosmogônicas. Diante desta, temos inferências de Kopenawa (2015, p. 78-79):

“Somos habitantes da floresta. Nossos ancestrais habitavam as nascentes dos rios muito antes de os meus pais nascerem, e muito antes do nascimento dos antepassados dos brancos. Antigamente, éramos realmente muitos e nossas casas eram muito grandes. Depois, muitos dos nossos morreram quando chegaram esses forasteiros com suas fumaças de epidemia e suas espingardas. Ficamos tristes, e sentimos a raiva do luto demasiadas vezes no passado. Às vezes até tememos que os brancos queiram acabar conosco. Porém, a despeito de tudo isso, depois de chorar muito e de pôr as cinzas de nossos mortos em esquecimento, podemos ainda viver felizes. Sabemos que os mortos vão se juntar aos fantasmas de nossos antepassados nas costas do céu, onde a caça é abundante e as festas não acabam. Por isso, apesar de todos esses lutos e prantos, nossos pensamentos acabam se acalmando. Somos capazes de caçar e de trabalhar de novo em nossas roças. Podemos recomeçar a viajar pela floresta e a fazer amizade com as pessoas de outras casas. Recomeçamos a rir com nossos filhos, a cantar em nossas festas *reahu* e a fazer dançar os nossos espíritos *xapiri*. Sabemos que eles permanecem ao nosso lado na floresta e continuam mantendo o céu no lugar.”.

Com esta identificação feita pelo Davi já temos também uma das respostas quanto a relação de sobrevivência do Yanomami com a sociedade não indígena: resiliência. Pode-se dizer que não só o povo yanomami, bem como a maioria do povo indígena brasileiro tiveram que ser resilientes para não sucumbirem ao extermínio causado pelo avanço do branco.

Apresentado o Davi Kopenawa e sua apresentação geral sobre sua visão de mundo a partir de si, podemos fazer considerações a respeito do seu lugar. Para ele, que é um representante de uma das várias comunidades do povo Yanomami, acima de tudo, o lugar é algo sagrado, pois é ali que recebem a vida como um todo. É ali que os espíritos cuidam dos mesmos, é onde vivem e aguardam sua ida para juntos dos *xapiris*, os espíritos que regem toda a bondade e alguns aspectos da pós-vida. Portanto, deste ponto de vista, o lugar vai para além do plano material.

Em segundo lugar, mas não menos importante, há o lugar como o plano onde a matéria dos seus corpos devem viver. Nesta morada, criado por *Omama*, fora feito tudo que o ser humano precisa, por isso, Davi Kopenawa ressalta as fortes degradações



causadas pelos *metais*, que nada mais é que os maquinários de garimpo. A morada citado pelo Davi é regido pelos espíritos, numa visão onde deve-se ir ao subconsciente para realmente poder vivenciar o mundo, o lugar.

Para poderem sobreviver, há desde os xamãs aos ventos que regem as chuvas que proporcionam o plantio e a alimentação (peixe e as caças). Tal subsistência é possível graças ao conhecimento do xamã, que procura sempre a harmonia dos *xapiris* com a proteção de *Omama*. Com a harmonia espiritual fluindo corretamente é possível viver em paz, ou seja, o lugar deve ter antes de mais nada, a resiliência paz espiritual. Desta maneira, todas as coisas que se faz deve ter um consenso do xamã para que todos possam ter a vida tranquila no seu lugar.

Contextualizemos, *Omama* é o ser criador, a partir dele vem os espíritos *xapiris* que podem ser benéficos ou maléficos, depende de como são manipulados. Os *xapiris* são manipulados pelos xamãs que enfim direcionam as ações da maioria no lugar onde vivem, em sua comunidade.

Portanto, o conceito de lugar na visão yanomami é puramente espiritual, onde as ações que eles fazem requer cuidado para não entrar em conflito com os espíritos. Para o yanomami, os brancos estão quebrando a harmonia de suas moradas por conta dos garimpos que desequilibram os espíritos dos rios, das caças, dos rios e até dos ventos. É notório que a afeição pelo lugar é em muitos sentidos ligado com os antepassados, isto é, os antepassados têm muita influência que determinam que seus atuais descendentes vivam atualmente. Em outras palavras, a forte ligação dos atuais yanomami com o seu lugar resiste através da memória. A memória é propulsor das lutas e resistências deste povo. Para Davi Kopenawa, o seu lugar é onde a memória do seu povo estiver, logo, cada comunidade tem sua própria ascendência e sua história com seu lugar.

### **O lugar para o Macuxi à luz d'A queda do céu**

O povo Macuxi, diferente do povo Yanomami teve contato com o povo não indígena ainda no século XIX, ou seja, já tem um longo histórico de contato com o homem branco. Assim como relatado no livro de Davi Kopenawa, o povo Macuxi tem em *Makunaimã* o ser criador do lugar onde vivem. O povo Macuxi vive em terras roraimense, ao norte do Estado. A maior parte vive na região das serras, enquanto a menor parte vive na região de lavrado.



O lugar para o povo macuxi tem origens cosmogônicas também, igualmente para o povo yanomami. Desta maneira, em muitas situações, eles buscam nos espíritos regentes das coisas materiais, serras, rios e animais, justificativa para caracterizarem o seu lugar. Makunaimã foi o criador do seu lugar, desta maneira, o povo macuxi buscam sempre seguir os costumes de caça, pesca e de fazer atividades como fazer roça, cuidar dos filhos, modo de se alimentar, etc.

Para o macuxi, o seu lugar estabelece sua vida, portanto, rege suas decisões. Como o povo já está muito exposto ao modo de vida do povo não indígena por conta dos garimpos ao longo dos anos, a sua vida obviamente mudou, no entanto, os costumes ainda permanecem. Os costumes estão mais no que tange à relação com o meio em que vivem. Por exemplo, para caçarem ou pescarem para fins de festas comemorativas buscam auxílio dos espíritos que regem a caça e os peixes, procuram pedir autorização para percorrer determinados lugares, enfim, buscam uma relação recíproca com a natureza, pois entendem que é um ser vivo.

Os moradores macuxi da região norte se consideram os macuxi originais, isto é, consideram-se aqueles que não perderam a sua principal característica, o idioma. Para estes, o que os diferencia dos macuxi do lavrado é a língua. Segundo eles, o povo macuxi da savana (lavrado) tem em seus vocabulários elementos do idioma português, então fica “misturado”. Segundo o morador de Warabadá “o povo lá de baixo se encontraram tanto com o povo branco que perderam sua língua original. A gente aqui fala o verdadeiro macuxi, sem ser a língua dura, como eles falam.” (Entrevistado 2, 2020).

A partir deste discurso, podemos inferir que o principal elemento caracterizador do lugar para o macuxi das serras é o idioma, é a partir disso que eles conseguem manter uma relação mais estreita, de confiança. Além do idioma, outro elemento que podemos elencar aqui é a questão das lutas travadas para conseguir demarcar e homologar a Terra Indígena Raposa Serra do Sol. As lutas marcaram a identidade do povo macuxi frente a outros povos indígenas de Roraima. O macuxi é visto como um povo guerreiro, por isso que ao tocar no assunto sobre a moradia revela-se uma forte fala, uma vontade de falar sobre. Assim relata o entrevistado 2:

“Lá em 1980, eu ainda era jovem, devia ter lá meus 15 anos, mas lembro como meus pais lutaram contra os fazendeiros e marreteiros que vinham para cá trazendo suas coisas e muitas vezes traziam cachaças. Essa bebida pode ser boa lá fora, mas aqui ela é ruim para



todos. Muitas famílias foram destruídas por causa dessa bebida, até as festas não foram o mesmo de antes. Lutamos contra isso, queremos nossas festas de acordo como faziam nossos pais e nosso avós, com a nossa própria bebida que é muito mais forte e boa que essa cachaça cheio de química. Aí você fala para esses garimpeiros que o que eles bebem só leva à destruição e eles ficam com raiva, mas para nós, é só destruição. Então escuta o que te digo quando falo que para preservar nossas moradias tivemos que usar nossas armas não foi brincadeira (...) e conseguimos, hoje temos certa paz e você, eu e os mais jovens devem cuidar disso, desse lugar todo porque se se perder novamente, acredito que não tem mais gente para lutar por nós.” (Entrevistado 2, 2020)

Na narração de Davi Kopenawa ele também ressalta as lutas pelas suas terras, juntamente com os espíritos guias de seu povo. Os yanomami e os macuxi buscam em suas lutas o significado de lar, de lugar.

Portanto, é possível verificar as narrativas de A queda do céu junto às narrativas dos Macuxi quando produzem suas próprias narrativas. Parece contraditório, uma vez que se utiliza uma obra para dialogar e buscar compreender a concepção de lugar através de um povo que tem suas próprias histórias. Apesar dessa possível contradição, percebemos que as concepções de lugar para os Macuxi são semelhantes às produzidas na obra de Kopenawa. Vejamos: para que o povo Macuxi identifique como lugar sendo seu, é necessário que o ancião o diga. Isso vem através de invocação de guias espirituais, de deuses como Macunaíma, Anike e Insikiran. E só a partir disso é que a ligação subjetiva com o seu espaço é feita. Assim relata:

“estamos aqui porque há muito tempo os donos dessas serras permitiram que estivéssemos aqui. Nossos avós e avós antes de mim tiveram que trabalhar para podermos morar aqui. Mas não foi só trabalho. Teve também a ajuda dos pajés que tiveram que pedir ao Macunaíma para que falasse com os donos dessas serras, só assim deixariam a gente viver aqui. É por isso que estamos aqui hoje.” (Entrevistado 1, 2020)

Além disso, é notório um profundo sentimento de pertencimento ao lugar onde estão. Tuan (1980) vai demonstrar que uma ligação com o lugar retrata o cerne do subjetivismo, do afeto, da emoção. Seguindo essa linha de raciocínio temos o entrevistado 2 que nos relata:

“Eu não lembro dos meus pais me dizendo para ficar aqui nestas terras. Eles eram moradores da floresta, lá para os lados da Guyana, do lado dos ingleses. Mas quando vim para cá quando criança, senti que era aqui que era para eu ter meus filhos. E consegui morar para cá somente aos 14 anos, mas as cachoeiras do mau me quiseram aqui. Eu sonhava algumas vezes com os donos dessas cachoeiras, pedindo



pra eu ficar, mas eu não obedecia eles, eu estou aqui porque gosto, não porque esses espíritos me mandaram...”

Kopenawa em sua obra faz menção ao sentimento de pertencimento ao lugar, no entanto, ao contrário do Entrevistado 2, o povo dele entendiam que deveriam ficar num determinado lugar porque os espíritos pediam e tinham que obedecer.

Por fim, notamos que esse sentimento de pertencimento é o que move as lutas para estarem nas suas comunidades, de lutarem por ela. O entrevistado deixa isso bem claro:

“Sou novo ainda, mas sinto que parece que ainda tenho que lutar por mais muitos anos para poder garantir essas terras para meus filhos. Se eu morei aqui a minha vida toda, porque tenho que deixar essas terras para os garimpeiros?!” (Entrevistado 3, 2020)

Desta maneira percebemos que a relação entre a obra A queda do céu com a percepção de lugar para o povo Macuxi nos traz uma compreensão a mais sobre o conceito de lugar. Na pesquisa, é observado que ainda tem muitas outras observações acerca de concepções sobre o lugar com esta etnia, mas já é notório a riqueza que a narrativa dos Macuxi junto à obra de origem Yanomami pode proporcionar à ciência geográfica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar ou pesquisar junto ao povo indígena à luz da ciência geográfica traz e pode proporcionar reflexões que podem ir muito além da categoria Lugar. As visões de mundo do povo indígena busca uma posição onde a sociedade não indígena talvez tenha deixado já faz muito tempo. Tal visão, como dito na última parte das discussões nos ilumina com conhecimentos ou com filosofia que nos encaminha para direções que podem nos “livrar” de destruições como contemporaneamente vem ocorrendo.

É muito para além de concebermos o conceito de lugar sob a perspectiva indígena. O que o povo macuxi e o povo yanomami tem para a ciência é uma saída, uma alternativa à vida fugaz que o capitalismo nos impõe. Os dois povos demonstram grande resistências no tempo e no espaço, dentro do possível, à novas ameaças aos seus respectivos lares.

Portanto, deve-se afirmar que os estudos com estes povos devem ser aprofundados. O lado conceitual sobre o lugar deve ser levado em consideração junto ao



dinamismo de pensamento e resiliência que este povo tem. A literatura abre a imaginação, o diálogo com este povo expande o conhecimento e as discussões sobre enriquece os debates. É um diálogo necessário.

## REFERÊNCIAS

CIMI (Conselho Indigenista Missionário). **“O governo brasileiro busca legalizar a invasão das terras indígenas”**, afirma Adriano Karipuna em Fórum da ONU. Disponível em: <https://cimi.org.br/2021/04/governo-brasileiro-busca-legalizar-invasao-terras-indigenasadriano-karipuna-forum-onu/>. Acesso em: 12/06/2021.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

KOPENAWA, D.; BRUCE, A. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

KRENAK, A. **Amanhã não está a venda**. 1ª edição. São Paulo: Editora Schawcz, 2020.

MONBEIG, Pierre. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Martins, 1940.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: UFSC, 2002.

SUZUKI, J. C. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação** / N° 5, setembro 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
**GEOGRAFIA**

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VENEROTTI, Ivo; OTTATI, Rafael. O personagem e o lugar em Lake Gun e Young Goodman Brown. In: ENANPEGE, n. 12, Campinas. **Anais...** Campinas: ANPEGE, 2013. CD. ISSN 2175-8875 2013.